

**ÀS CEGAS**

Copyright © Flávia Dalla Bernardina

Editor

*Saulo Ribeiro*

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

*Gustavo Binda*

Produção Editorial

*Gustavo Binda*

Foto de Capa:

*Agência Porã/divulgação*

Fotografia da obra de arte do artista Raphael Bianco ( sem título, 2013, série jardim suspenso, 2,40 m x 1,0 m, acrílica e óxido de ferro sobre tela).

Foto Autora

*Maria Sanz Martins*

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Bernardina, Flávia Dalla, 1979-

B523a Às cegas / Flávia Dalla Bernardina. - Vitória, ES : Cousa, 2015.

112 p. ; 21 cm

ISBN: 978-85-63746-58-0

1. Crônicas brasileiras - Espírito Santo (Estado). I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-94

---

IMPRESSO NO BRASIL | PRINTED IN BRAZIL |2015|

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Cousa

Editora Cousa | Escadaria Serrat, 28

Centro Histórico, Vitória-ES | CEP 29.015-610

[www.cousa.com.br](http://www.cousa.com.br) | [facebook.com/editoracousa](https://facebook.com/editoracousa)

FLÁVIA DALLA BERNARDINA

# ÀS CEGAS

*Textos publicados no jornal A Gazeta entre 2007 e 2011*

Cousa



*Carrego o peso da lua,  
Três paixões mal curadas,  
Um saara de páginas,  
Essa infinita madrugada.*

*Viver de noite  
Me fez senhor do fogo.  
A você, eu deixo o sono.  
O sonho, não.  
Esse, eu mesmo carrego.  
(Paulo Leminsky)*

# SUMÁRIO

PELOS OLHOS DE ALICE	9
A FALTA	11
UM MUNDO MELHOR	13
PROTEJA-ME DA FORMA	15
BOTA FORA	17
STELLA	19
ÀS CEGAS OU EPISÓDIOS	21
DE UMA NÃO CRÍTICA	21
MIL ANOS DE ORAÇÃO	23
CHUVA, PALAVRA,	25
SINAL, SILÊNCIO.	25
EM BUSCA DO (DES)	27
EQUILÍBRIO PERDIDO	27
AS FACES DA MOEDA	29
ANTES QUE O DIA TERMINE	31
FLEXÕES	33
FORA DO FOCO	35
O GRANDE CIRCO ÍNFIMO	37
HERÓI NÃO, PAI.	39
IDENTIDADE	41
O IMENSO NADA	43
IMORTAIS	45
UM LUGAR NA PLATEIA	47
LUZES, DRAMA, ILUSÃO	49
NO CURRÍCULO	51
LEMBRE-ME DE MIM	53
MEMÓRIAS	55
MEU GERÚNDIO	57
NÃO EMBALE PARA PRESENTE	59
DO QUE VOCÊ NÃO SABE	61

NO VERSO DO GUARDANAPO	63
É ÓBVIO QUE...	65
ODARA	67
O OLHAR QUE NÃO ENVELHECE	69
PARTES, TODOS E VOLTAS INTEIRAS	71
PARTIDA	73
PERFUMES DOCES E VELHOS	75
PERGUNTE AO PÓ	77
VALE O QUE SENTE?	79
RARIDADES	81
REENCONTRO	83
REFLEXÕES SOBRE O FIM	85
RITMOS E RITOS	87
ROSSO COME IL CUORE	89
ROTEIRO DE UMA	91
VIDA DESACOSTUMADA	91
SER ACEITO OU FAZER SENTIDO?	93
SERÁ QUE AINDA É PASSADO?	95
ENTRE LIVROS, TRILHAS	97
SONORAS E VIAGENS	97
PARA DESCANSAR	99
UM CO(R)PO QUE FALA	101
VELHO OU ANTIGO?	103
UMA VIDA ÍNTIMA	105
FIO DE NOVELO – UMA VIAGEM	107
PARA FAZER SOZINHO	107
A TENTAÇÃO CÓSMICA OU	109
“O MISTÉRIO EM PLENA LUZ”	109
POR GILBERT CHAUDANNE	109





## PELOS OLHOS DE ALICE

Parecem destinos difíceis, por tantas escolhas e imaginações premeditadas. Imaginações que salvam, como *déjà vu* que não indica a resposta, mas anunciam o próximo desafio. As lágrimas não ajudam mais, pois a morte dorme em casulos.

Você é aquela que estamos esperando? Será aquela que vem crescendo a cada história, repetindo as mesmas angústias e parando a roda quando deveria continuar girando?

Mesmo que tenha muito medo na curva derradeira e dá um passo para trás para repetir, quando volta sem se lembrar das outras vezes que esteve por aqui, você nunca é a mesma.

Nós acreditamos – todas as vezes que aparece – que você finalmente transmutará a ordem do dia. Ainda assim, perguntamos insistentes quem é você, para nos sentirmos seguros e confiantes, para que possamos também quebrar nossas ordens e nossos dias. Se não temos certeza, é porque você também não tem.

A estrutura do nosso mundo é instável, frouxo, nada está pronto. Existem alavancas e buracos e tropeços e esquinas que nos ajudam a decidir qual é o próximo lugar. Só se parecem com destinos difíceis, mas não são. Eles são difíceis, apenas não são mais destinos.

Os *déjà vos* deixam de acobertar os sonhos para se tornar as inúmeras vezes que vamos e voltamos sem fechar o contexto, sem bater a porta depois de atravessá-la.

Dessa vez, enquanto perguntamos se você é realmente você, sua cabeça imagina todas as coisas inimagináveis de alcançar. No mundo impossível da sua mente você se descobre, e já não importa mais o que pensamos, pois estamos vendo. Nós te enxergamos Alice,

assim como você, que se sente capaz de mudar o curso da história e ir além, além de nós, além de você mesma. O direito de pensar é finalmente seu.

Quando tocar no machucado para ver se dói, a guerra já terá passado, você já terá vencido e a ferida estará curada. E você estará longe, muito longe daqui, por escolha.

Olhando para o seu mar, enquanto o barco navega, você não imagina, mas sabe que as lágrimas não ajudam mais, que existe a possibilidade de não cair em buracos e que casulos guardam mistérios mais interessantes que a morte. Você, enfim, ganhou o fluxo do tempo. Bravo Alice, bravo.

## **A FALTA**

Nós não tivemos tempo. A praia não é a mesma. Ninguém te enxergava, nem eu. Eu não soube soltar você - felino que era - da jaula em que se deixou prender. Porque forte demais, se dedicava demais.

Não conhecemos mais nossos filhos e não culpo ninguém por isso. Foi a vida que se encaminhou, e se soubéssemos antes, teríamos feito diferente. Mas a vida é assim, injusta com quem se abstém, imperfeita com quem ensaia demais vivê-la, cruel com quem acredita que sempre terá uma segunda chance. É quando morremos - ou perdemos - que começamos a aprender a dinâmica, e, infelizmente, nesse tempo não há mais horas disponíveis. Partimos com a lição, sem ter podido sequer mudar as cores da tela.

Quando percebemos que só temos um ao outro, você se vai, assustando todos, e me deixando aqui, morto de medo de continuar. Você se foi e não dançou o que queria, nem sequer visitou o Monte Fuji.

Por não me perdoar eu fui atrás de você, então. Vestindo as suas roupas te mostrei o Japão e aprendi butô num parque, com uma japonesa que dançava com um telefone cor de rosa. Ela acreditava que assim conversava com a falecida mãe. Confesso que me deu um pouco de esperança. Era lindo ver aquilo, você iria adorar. Eu aprendi com ela que o butô é uma dança de sombras. Com o rosto pintado de branco, a bailarina dança para ela mesma.

Vestir as suas roupas, aprender a dançar, ir ao Japão, foram as formas mais sinceras que inventei para enxergar com dignidade a sua ausência.

Para minha sorte eu morri também, me entreguei a você. Nossos filhos continuam nos desconhecendo,

mesmo depois que partimos. Às vezes os estranhos nos sabem mais, como essa japonesinha que conheci no parque e que me ensinou o butô. Ela sempre esperava o meu trem partir até me perder de vista, e foi comigo até o fim, o que significa dizer que foi comigo até eu dançar para você em frente ao Monte Fuji.

Tomamos distância daqueles que nos são mais próximos e nos aproximamos dos que estão mais longe, e essa é uma daquelas aulas que aprendemos nos últimos dias, quando já não há mais tempo.

Foi para ela que deixei suas lindas fotos, seu livro, e todo o nosso dinheiro. Não porque ela merecia ou por retaliação aos filhos, mas porque era a única coisa a ser feita como último ato deliberado.

Morri em você, dançando movimentos delicados como nunca pensei que poderia fazer, deslocando-me em sua direção com o rosto pintado e vestindo suas roupas.

Agora estamos de novo nos bastidores, assistindo à vida passar. E a cena é bonita. A japonesinha que me resgatou de mim e acertou meus trilhos para eu reencontrar você, continua dançando butô no parque, agora com dois telefones. Se conseguirmos um bom sinal, um dia falaremos com ela. Você vai gostar de conhecê-la.

(\* Inspirado no filme Hanami)